

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Arquivo BrasileiroClass.: PCTR 0388Data: 04/02/94Pg.: p3 (codemo Arquivo 2)

Livro

Índios falam do seu próprio massacre

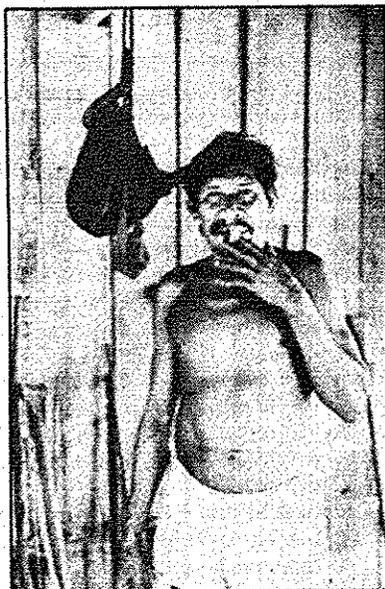
Tuparis e Tarupás mostra uma coletânea de contos e uma seleção de fotografias

Lentamente, os povos indígenas vêm praticando uma espécie de vingança contra a chamada civilização branca. Quando Cristóvão Colombo saiu à procura do Novo Mundo, dizimou milhares de índios, com tiros de canhão. Em 1992, ao comemorar-se os 500 anos de Descobrimento da América, a imagem de Colombo ficou arranhada, em nome da civilização. No Brasil, a vingança dos índios ainda não se completou, mas está a caminho, a julgar pela leitura do livro *Tuparis e Tarupás*.

Tuparis e Tarupás é a reunião de 44 contos, ou narrativas indígenas, recolhidas pela antropóloga Betty Mindlin, com 87 fotografias assinadas pelo antropólogo Franz Caspar e a fotógrafa Lúcia Mindlin Loeb. Os povos Tuparis e Tarupás habitam as florestas do Estado de Rondônia e, a exemplo dos seus irmãos espalhados pelo Brasil, também estão ameaçados de extinção, pela fúria e pela incivilidade do chamado homem branco. É fato que, de 1500 até aqui — quando os portugueses chegaram a Porto Seguro (BA), com Pedro Álvares Cabral, — os povos indígenas foram reduzidos a menos de 20 por cento de sua população.

Lição de vida — As estatísticas não são precisas quanto ao massacre. Mas o holocausto dos povos indígenas teve início já com a colonização portuguesa. Padre José de Anchieta, que veio ao Brasil para curar uma tuberculose, além da missão catequética, contaminou dezenas e dezenas de índios — presume-se — com o vírus que lhe corroía os pulmões. Depois veio a fúria escravista da Coroa, acompanhada pela prostituição das mulheres. De nada adiantou a lição de vida que os índios transmitiam aos brancos.

Quem ler a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, com cuidado, perceberá um detalhe curioso: quando ele informa ao Rei que nas terras brasis “em se plantando tudo



Índios: contra a maldade e opressão

dá”, diz, noutro trecho, que “aqui (Brasil) as mulheres andam nuas e sem nenhum pudor!” O ponto de exclamação não é uma simples figura de estilo. Na Coroa, a moda feminina acompanhava longos vestidos que cobriam os pés. No Brasil, as índias belíssimas “andam nuas e sem nenhum pudor!” É uma questão de cultura.

Mitologias — Em se tratando do respeito radical à vida, os povos indígenas estão num estágio bem superior de civilidade. A civilização indígena é de respeito intransigente à vida, onde quer que ela se manifeste, como na célebre afirmação de Mahatma Gandhi: “Tudo que vive é o teu próximo. Pois para os índios, tudo vive, tudo é o seu irmão. Um índio não faz xixi no rio porque isso polui as águas. Não planta duas vezes seguidas numa mesma área porque isso enfraquece a terra. Só fala com uma criança acororado para ficar em relação de igualdade com ela. E a mulher faz controle de natalidade tomando chás cujas ervas são segredos de estado, ou de aldeia, perdão.

Transgressão estética — As 44 narrativas indígenas recolhidas por Betty Mindlin são de uma riqueza imensa, que não limitam-se ao simples campo da estética. Transgridem e ocupam o nosso imaginário, permitindo-nos um cruzamento de informações com as lendas e mitos das chamadas civilizações brancas. Índio não mata branco para roubar minérios, terras, árvores, madeiras etc. O oposto é verdadeiro. As narrativas indígenas de *Tuparis e*

Tarupás são cheias de lições: contra a maldade, contra a inveja, contra a usura, contra a opressão, contra a tirania etc. Parece até — e é verdade — uma forma sutil de vingança contra os brancos, que cultuam esses valores, de olho e alma no crescimento da conta bancária — de preferência em dólar, nos chamados paraísos fiscais — e no acúmulo e acúmulo de propriedade.

O índio, não. Pratica o respeito radical à vida, que se manifesta em todo o ecossistema que o rodeia. O mundo mágico que se desprende de suas narrativas é apenas uma extensão do universo fantástico que eles vivem na realidade cotidiana. Esse respeito ao que vive, entretanto, os índios não encontram quando entram em contato com o branco. Para se ter uma idéia, os Tuparis seriam cerca de três mil no início do século. Mas começaram a ser molestados por seringalistas invasores, nos anos 20, sendo dizimados por doenças da “civilização”.

Em 1934, o etnólogo Snethlage fez a primeira visita que se tem conhecimento à nação dos Tuparis. Encontrou umas 250 pessoas. Em 1948, o antropólogo suíço Franz Caspar passou um ano em suas malocas — e escreveu um livro belíssimo — e a população era de umas 200 pessoas. Entretanto, quando Caspar voltou, seis anos depois, os Tuparis estavam reduzidos a 66 pessoas, vítimas de uma epidemia de sarampo — doença de branco.

Esses dados são relatados no livro *Tuparis e Tarupás*. O melhor dele, porém, são as narrativas míticas sobre a mãe cachoeira, o começo do mundo, a chuva e a água, o arco-íris, a origem da morte, o fruto proibido, o dia, a friagem, o rapé, a caça, o menino abandonado, o sol, a lua e da invenção do trabalho, entre outras. São narrativas — ou contos indígenas, da mesma forma que existe uma arte de plumagem (indígena), podemos afirmar — existe uma literatura indígena que tem uma missão: funcionam como uma espécie de último alerta à civilização branca, para que deixe os índios em paz. Definitivamente.

■ José Menezes de Moraes

Tuparis e Tarupás - Narrativas dos Índios Tuparis de Rondônia - recolhidas pela antropóloga Betty Mindlin - fotografias de Franz Caspar e Lúcia Mindlin Loeb - Editora Brasiliense - Edusp e Iamá - 123 páginas CR\$ 4.100